



Os “tesouros” do Museu Nacional de Arqueologia

Opinião



António Carvalho

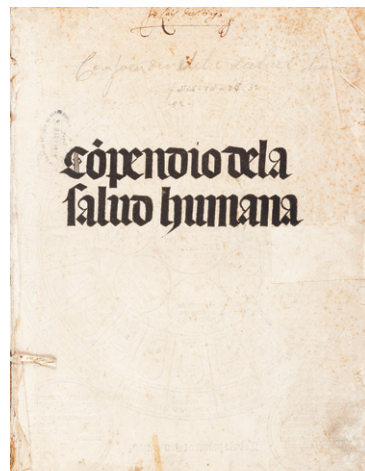
Quanto mais profundamente se conhece e compreende a vida, a obra e a acção de José Leite de Vasconcellos (1858-1941) e o seu maior feito – a criação, com o decisivo apoio político de Bernardino Machado em 1893, do Museu Etnográfico Português, actual Museu Nacional de Arqueologia –, mais cresce o fascínio por este homem, estribado na percepção da importância, grandeza e perenidade do projecto cultural e científico que nos legou. Legado vivo, com enormes potencialidades para explorar em cada tempo.

Há muitos temas que extravasam

o âmbito da arqueologia e para os quais os fundos documentais do museu sempre concorrem. Este facto deve-se, fundamentalmente, à capacidade de prospecção, identificação, selecção e recolção do seu fundador e primeiro director, cujo saber era verdadeiramente enciclopédico.

A biblioteca, com outros serviços do museu, foi instituída por decreto-régio de 24 de Dezembro de 1901. Como “uma bibliotheca especial das obras mais indispensáveis, constituída em parte por trocas com as publicações do Museu” (Artigo 1.º, 3.ª a)). Refere-se ao intercâmbio, especialmente com *O Arqueólogo Português*, editado em parceria com a Imprensa Nacional a partir de 1895.

Não foi certamente por esta via que logrou obter o incunábulo impresso em Saragoça, por Pablo Hurus, em 1494, *Compendio de la*



Salud Humana. Tratado de la Peste, de Johannes de Ketham, com tradução para castelhano de Vasco de Taranta, que deve certamente resultar de uma aquisição. Como sucede com outro dos cinco incunábulos que o museu conserva

adquirido por José Leite de Vasconcellos em 1907.

Por todo o museu e também na biblioteca, existem muitos “tesouros”. Legalmente classificados como “Bens de Interesse Nacional” ou não. Mas sempre verdadeiros “tesouros”.

José Leite de Vasconcellos era licenciado em Medicina. O melhor aluno do curso que terminou em 1885/1886. Exerceu durante cerca de dois anos e depois trilhou os caminhos conhecidos. A obra escolhida na Biblioteca do Museu é precisamente um livro da área da saúde, o qual lhe podia ter sido apresentado precocemente nos bancos da Universidade do Porto onde se licenciou. Curioso o “tesouro” seleccionado ser da área da saúde e não de etnografia, filologia, dialectologia, onomatologia, epigrafia, numismática, arqueologia, autores

clássicos, história ou história antiga, tudo ciências nos quais José Leite de Vasconcellos era um reconhecido especialista e onde há muito no museu por onde escolher. Se outros temas tivessem sido escolhidos, certamente o Museu Nacional de Arqueologia constaria no grupo das instituições eleitas. No presente caso, o único museu nacional presente entre as prestigiadas bibliotecas portuguesas.

Excelente forma de promoção do Museu Nacional de Arqueologia, do seu fundador e da sua história, bem como da riqueza da sua vasta e híbrida biblioteca, o que acentua incontornavelmente, como muitos já enfatizaram, a importância identitária desta instituição na museologia e na sociedade portuguesa.

Director do Museu Nacional de Arqueologia

A saúde e a doença nos finais da Idade Média: um compêndio de tratados médicos

Opinião



Ana Rita Rocha

A biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia (MNA) conserva, entre os seus tesouros, um exemplar do *Compendio de la salud humana*, de Johannes de Ketham, impresso em Saragoça, a 15 de agosto de 1494, por Pablo Hurus. É, por isso, um incunábulo, fazendo parte do grupo dos primeiros livros impressos, que seguem ainda as características dos manuscritos medievais.

A obra em destaque é a primeira tradução castelhana do *Fasciculus medicinae*, do alemão Johannes de Ketham (séc. XV), no qual reuniu seis tratados médicos, que utilizaria nas aulas de Medicina que lecionava em Viena. Esta edição inclui ainda uma oração a S. Sebastião, suplicando por saúde em tempos de peste, o *Tratado de la peste*, do português Vasco de Taranta (sécs.

XIV-XV), protomédico do rei de França, e o *Tratado de la phisonomia*, do escocês Michael Scot (sécs. XII-XIII).

Cada tratado aborda um assunto diferente, descrevendo doenças, meios de diagnóstico, terapêuticas e procedimentos cirúrgicos e citando, com frequência, os autores antigos. O primeiro é dedicado às urinas, meio privilegiado de diagnóstico, e nele se explica a sua composição e como devem ser observadas e avaliadas. Segue-se o tratado relativo à prática da flebotomia ou sangrias, no qual se enumeram as veias passíveis de sangramento e os cuidados a ter durante e após o procedimento. Por sua vez, o terceiro é um dos mais curiosos, pois explora a relação entre os doze signos do Zodíaco e a saúde, descrevendo a influência de cada um no corpo humano e os preceitos a seguir em cada mês para prevenir a doença. O quarto é dedicado às doenças das mulheres, sobretudo relacionadas com o seu sistema reprodutivo e com a concepção e parto e para as quais se prescrevem

terapêuticas. O tratado seguinte aborda as feridas, enumerando as mais comuns e recomendando unguentos para as curar. O compêndio da autoria de Ketham termina com um tratado sobre as doenças dos homens, que se destaca dos demais por elencar alfabeticamente essas enfermidades e respetivas curas.

A estes seis tratados seguem-se o *Tratado de la peste*, sobre as causas, sintomas, prognóstico e prevenção da peste, socorro aos feridos e dieta a observar, e, por último, o *Tratado de la phisonomia*, dedicado à técnica de avaliar a personalidade de uma pessoa através da sua aparência, associando os órgãos e membros do corpo aos vários temperamentos.

A obra foi enriquecida com xilografias que ilustram os tratados compilados. Não podemos deixar de salientar as iniciais xilográficas, que nos lembram as capitais iluminadas medievais; a ilustração dos doze signos do Zodíaco; o médico que observa a urina do seu paciente; e o corpo de um homem com os signos do Zodíaco. Mas a mais curiosa de

todas é a xilografia que abre a obra: uma ilustração da tábua das urinas, na qual estão representados 21 frascos, com a indicação da cor da urina e o seu significado.

Idêntica às suas congêneres espanholas, a cópia do MNA tem, porém, algumas características específicas, que fazem dela um exemplar único. Lamentavelmente, nem todas são positivas e, desde logo, chamamos a atenção para a falta de alguns fólhos. Por motivos desconhecidos, mas talvez evidentes, todo o tratado quarto, relativo à saúde das mulheres, foi suprimido. Foram ainda retirados uma imagem de um corpo masculino rodeado por uma lista de doenças e um fólho do tratado de Michael Scot.

Mas as marcas de posse que esta cópia apresenta quase compensam a ausência daqueles fólhos. Uma nota manuscrita, no segundo fólho, informa-nos de que “este livro nom se pode dar fora sob pena d’escunhão porque foy da raynha dona Leonor”, esposa de D. João II (1458-1525). Esta era, de resto, a

forma como se identificavam os seus livros. A existência deste e outros incunábulos na sua biblioteca não nos surpreende, pois D. Leonor apoiou a imprensa desde o início, tendo sido o primeiro membro da família real a patrocinar uma obra impressa em Portugal. Além disso, não podemos deixar de associar o seu apreço por um tratado médico ao seu papel de fundadora do Hospital das Caldas. Mais tarde, o livro pertenceu a Fr. Luís de Santiago, que assinou o primeiro fólho, mas de quem nada mais sabemos, a não ser que possuiu outros livros da mesma rainha.

O *Compendio de la salud humana* é, sem dúvida, um dos muitos tesouros que se conservam nas bibliotecas portuguesas, pela importância que assumiu na sua época, pelo seu lugar nos primórdios da imprensa, pelo conhecimento antigo que reúne, mas, sobretudo, pelo tanto que ainda tem para nos ensinar.

Instituto de Estudos Medievais Universidade Nova de Lisboa